

O nacional-popular no teatro do CPC da UNE: a visão de Oduvaldo Vianna Filho, Carlos Estevam Martins e Ferreira Gullar.

Rafael de Souza Villares

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UNICAMP

Mestrando – Processos e poéticas da cena – Or. Prof. Dr. Larissa de Oliveira Neves Catalão
Bolsa CAPES

Mestrando do Departamento de Artes Cênicas - Universidade Estadual de Campinas

Resumo: Em 1950, o Teatro de Arena de São Paulo, iniciou a busca por uma dramaturgia nacional-popular, que procurava retratar temas relativos ao cotidiano da camada baixa da sociedade brasileira. Essa seria a temática recorrente da produção teatral do Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes – CPC da UNE – grupo que se originou da fragmentação do Arena. Este trabalho propõe uma discussão sobre o conceito de cultura popular e nacional, utilizado pelo grupo CPC, no contexto histórico anterior ao golpe Civil-militar de 1964. Para tanto, serão de grande valia os textos teóricos que refletem sobre a questão cultural produzidos no período, por Oduvaldo Vianna Filho, Ferreira Goulart e Carlos Estevam Martins.

Palavras-chave: Dramaturgia Nacional-Popular; Teatro brasileiro; CPC da UNE e Cultura Popular.

A classe teatral brasileira na década de 1950 assistiu ao surgimento de um “novo” estilo de dramaturgia, encabeçado pelo grupo Teatro de Arena de São Paulo. Primeiramente o simpático teatrinho da rua Teodoro Bayma não apresentou grandes novidades em relação ao modelo vigorado até então, o teatro feito pelo diretor que priorizava a encenação (músicas, cenários e figurinos) que contava com grande sucesso de público, tendo em suas platéias grandes empresários e a burguesia de modo geral. Mas, a partir da chegada de Augusto Boal e do pessoal de um grupo amador chamado Teatro Paulista do Estudante (TPE), o Arena tomou um novo rumo estético priorizando o autor nacional, ao invés do autor ou diretor estrangeiro. Segundo Oduvaldo Vianna Filho (Vianinha), “o Arena tornou-se uma equipe (...) no sentido criador. Todos os atores tiveram acesso à orientação do teatro; orientação comercial; intelectual, publicitária.”¹

Sem dúvida o Teatro de Arena avançou em direção a um novo modelo teatral que colocava no palco os problemas sociais referentes ao nosso país. Outro passo importante dado pelo Arena foi o incentivo ao autor nacional, principalmente, por meio dos seminários de dramaturgia. Porém no final dos anos de 1950 alguns membros, descontentes com os trabalhos que a companhia teatral apresentava, decidiram desligar-se do grupo.

¹ VIANNA FILHO, Oduvaldo: Do Arena ao CPC. IN: PEIXOTO, Fernando. *Vianinha: teatro televisão e política*, 1983 p.92.

Oduvaldo Vianna Filho foi um desses membros que partiu para uma nova experiência. Nesta nova fase, alguns artistas e intelectuais criaram um movimento cultural chamado Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes (CPC da UNE). Neste grupo os artistas propuseram um contato maior com o público, fato que desejavam no Arena. O CPC da UNE atuou de diversas formas artísticas dentre elas teatro, literatura, música, poesia e cinema.

Neste trabalho pretendo apresentar as principais discussões sobre esta nova forma do fazer teatral criada e difundida pelo Centro Popular de Cultura, e para isso utilizarei alguns textos teóricos de Oduvaldo Vianna Filho, Ferreira Gullar e Carlos Estevam Martins. Pretendo também verificar como essa teoria foi aplicada na prática utilizando cinco textos teatrais (*A mais-valia vai acabar, seu Edgar, Brasil, versão brasileira; Auto dos 99%; Quatro quadras de terra e Os Azeredos mais os Benevides*) produzidos por Vianinha no período em que atuou no grupo.

Primeiramente é importante ressaltar que vejo o CPC da UNE como um grupo dialético, no qual atuavam diversas pessoas com visões políticas e artísticas diferentes. Para não criar uma visão errônea sobre o pensamento do grupo escolhi os textos *Uma crise preparada a quinze anos, Limites de Chapetuba, atividades do Arena, Quatro instantes do teatro no Brasil, Alienação e irresponsabilidade, O artista diante da realidade, Do Arena ao CPC e Teatro de Rua* de Vianinha², *A questão da cultura popular* de Carlos Estevam Martins e *Cultura posta em questão* de Ferreira Gullar. Cabe lembrar que alguns dos textos selecionados não foram produzidos com o objetivo de tratar sobre a noção de cultura popular, porém exprimem algumas ideias que enriquecem o debate.

Carlos Estevam Martins e Ferreira Gullar elaboraram trabalhos similares. Ambos por concentrarem suas atenções em torno da discussão sobre o que é cultura popular partiram do mesmo princípio, a definição mais ampla do que é cultura. Nesse ponto os dois autores chegam a definições próximas e passam a defender um outro tipo de conceituação para o termo cultura popular, alegando que a palavra cultura por si só pode ser entendida como um fenômeno do povo. Considerando essa argumentação viável, o termo cultura popular torna-se redundante.

Os autores em questão passaram a tratar da função de dominação por meio da cultura. Eles expuseram que a cultura poderia ser capaz de manter e preservar os interesses de um determinado grupo, no caso da cultura popular nossos escritores defendem uma cultura que esteja de acordo com os interesses de seu povo. É claro que essa argumentação nos dá margem para fazer a crítica sobre qual era o verdadeiro interesse do povo, e também para

² Publicados na antologia *Vianinha: Teatro, televisão e política*. Organizada por Fernando Peixoto.

refletirmos em que medida esses artistas e intelectuais sabiam o que o povo queria, e se eles tinham o direito de atuar a favor desses interesses.

Oduvaldo Vianna Filho nomeia o teatro dirigido para as camadas altas de nossa sociedade de *irresponsável*, argumentando que ele servia de instrumento de manutenção dos atos da elite. Vianinha dirige uma dura crítica ao público teatral de 1940, dizendo que estes iam ao espaço teatral apenas para estar entre pessoas da mesma classe. Vianna Filho atribui também a este teatro o encanto das encenações que deixavam o texto para o segundo plano.

Para Vianinha o teatro *Responsável* seria aquele que voltasse suas atenções para o povo. O CPC da UNE efetuou uma dramaturgia *Responsável*, pois as peças que nos serviram de exemplo se encaixam no suposto interesse da camada baixa. As tramas *A mais-valia vai acabar, seu Edgar e Brasil, versão brasileira* abordam em primeiro plano a vida de alguns operários e as peças *Os Azeredos mais os Benevides* e *Quatro quadras de terra* priorizam as questões do cotidiano do trabalhador rural.

As obras de arte que se encaixam no perfil proposto pelos autores têm como característica abordar questões externas à trama, ou seja, incluir questões sociais. Segundo Carlos Estevam Martins:

O que distingue os artistas e intelectuais do CPC dos demais grupos e movimentos existentes no País é a clara compreensão de que toda e qualquer manifestação cultural só pode ser adequadamente compreendida quando colocada sob a luz de suas relações com a base material sobre a qual se erigem os processos culturais de superestrutura³

A opção de Vianna Filho de incluir questões extraliterárias em seus textos se dá por meio do lugar escolhido: as cinco peças ocorrem no local de trabalho. A partir desse local Vianinha consegue expor suas críticas sociais. Em *A mais-valia vai acabar, seu Edgar e Brasil, versão brasileira* a fábrica é o ponto onde se desenvolve a história, por meio dela Oduvaldo Vianna Filho consegue expor a exploração sofrida pelo trabalhador urbano. No *Auto dos 99%* o lugar de trabalho é a universidade, nela Vianna Filho consegue expor os principais problemas do sistema estudantil. Já em *Quatro quadras de terra* e nos *Os Azeredos mais os Benevides* ele aponta a opressão sofrida pelo trabalhador rural.

O local de trabalho para essas peças torna-se o ponto de ligação entre a obra de arte e a crítica social que segundo o teatro cepecista deve ser feita. O espaço de trabalho é uma boa opção, pois por mais que esteja no âmbito privado é um local frequentado por grande parte da sociedade, é nesse local que há nitidamente o encontro entre diversas classes sociais,

³ MARTINS, Carlos E. *A questão da cultura popular*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1963. p.69

é nele que se gera o convívio entre o patrão e o empregado. Além de ser um local de exploração, é o mais viável para as denúncias contra o sistema capitalista.

Nossos três autores também partem do pressuposto de que a obra de arte tem que tratar de questões nacionais, e de interesses da nação. Sobre o caráter nacionalista, Ferreira Gullar dirige sua análise ao problema enfrentado pelo artista nacional, alegando que este só ganha prestígio quando está enquadrado a moldes estrangeiros. Os cepecistas partem para a argumentação de que cada obra artística traz consigo questões relativas ao cotidiano, ou dirige críticas a um determinado país e por isso cada local deve produzir sua própria arte. Para Ferreira Gullar:

Como o poder de influência daqueles interesses sobre órgãos de divulgação é quase total, e como esses órgãos atuam de modo decisivo em todos os setores da vida nacional – inclusive no veto ou promoção de valores culturais –, a luta do escritor e do artista engajados na cultura popular se trava, de saída, contra o imperialismo.⁴

A questão da luta contra o imperialismo foi exposta por Vianinha na peça *Brasil, versão brasileira*. Nela o autor mostra como os interesses norte-americanos na disputa pelo petróleo afetam a vida do homem brasileiro, ao denunciar as relações de poder entre industriais nacionais que necessitam do capital estrangeiro.

Em suma, o teatro do CPC da UNE propõe um estilo de dramaturgia diferente do empregado no Brasil, priorizando um teatro *Responsável* ou *Nacional-popular* ou *ainda Popular Revolucionário* que seja nacional, voltado aos interesses do povo, que retrate problemas nacionais e por fim que seja apreciado pela grande massa. Um teatro que mantenha o equilíbrio entre a encenação e o texto. Segundo Oduvaldo Vianna Filho “um teatro que vá buscar sua forma e seu conteúdo na realidade específica em que vivemos (...) que sirva como instrumento do homem, com que ele enfrente a realidade, permitindo-lhe uma intervenção direta”.⁵

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

MARTINS, Carlos E. *A questão da cultura popular*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1963.

PEIXOTO, Fernando. *Vianinha: teatro, televisão e política*. SP, Ed. Brasiliense, 1983.

⁴ GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.p.8

⁵ VIANNA FILHO, Oduvaldo: O artista diante da realidade (um relatório). IN: PEIXOTO, Fernando. *Vianinha: teatro televisão e política*, 1983 p.74.